



EnIM
Encontro de
Investigação em Música
Meeting on
Research in Music

EnIM22

**10-12
NOV**

Universidade de Aveiro
Departamento de Comunicação e Arte

organizado pela



SPIM
Sociedade Portuguesa
de Investigação em Música
Portuguese Society for
Research in Music



inet^{MD}
instituto de etnomusicologia
centro de estudos em música e dança



deca
universidade de aveiro
departamento de comunicação e arte

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

**REPÚBLICA
PORTUGUESA**



Este encontro teve a parceria do INET-md (Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança). O INET-md (UIDB/00472/2020) é financiado pela FCT/MCTES, através de fundos nacionais.

Projeto de Design Gráfico (capa): Divide by Two

Paginação: Ana Luz

Edição: UA Editora – Universidade de Aveiro

1.^a edição – Novembro de 2022

ISBN: 978-972-789-811-4

DOI: <https://doi.org/10.48528/gavx-3075>

Rui Marques (Universidade de Aveiro, INET-md), João Diogo Leitão (Independente) e Diogo Valente Santos (Instrumentos Valente)

Uma nova vida para a velha viola braguesa: Dinâmicas de cooperação entre um tocador e um violeiro

No século XXI, as violas de arame portuguesas conquistam o interesse de investigadores de diversas áreas disciplinares, adquirem relevância no âmbito de políticas culturais locais, alcançam um lugar em palco, ecoam em edições discográficas, nos media e em plataformas on-line e transpõem 'fronteiras' entre domínios de prática musical. Ademais, multiplicam-se os músicos que exploram estas violas como instrumentos solistas, abrindo caminho a novas abordagens composicionais e técnicas performativas. Todo este dinamismo contribuiu para estimular a partilha de conhecimentos entre instrumentistas e construtores de cordofones, implicados em processos de pesquisa e experimentação que visam adequar instrumentos musicais descritos como 'populares' aos requisitos técnicos e expressivos suscitados por novas abordagens artísticas, num jogo de equilíbrios que procura conciliar tradição e contemporaneidade.

Richard Sennett sustenta que o predomínio da produção industrial - com a consequente substituição do trabalho artesanal especializado por tecnologias mecânicas - tem vindo a contribuir para refrear o desenvolvimento de competências de colaboração interpessoal (Sennett 2012, 8). Este sociólogo e historiador define 'cooperação' como um encontro no qual os participantes beneficiam do intercâmbio de saberes específicos, e advoga a partilha de conhecimento como estratégia de otimização do saber-fazer individual (ibid.). O mesmo autor argumenta que a sociedade contemporânea padece de uma herança histórica: o estabelecimento, ao longo dos séculos, de linhas divisórias entre 'prática' e 'teoria', 'técnica' e 'expressão', 'artesão' e 'artista', 'fabricante' e 'utilizador' (Sennett 2008, 11).

Com esta apresentação, visamos dar um contributo para mitigar as "linhas divisórias" identificadas por Sennett. Articulado os contributos de um investigador, um tocador de viola braguesa e um violeiro, propomos um debate sobre processos de cooperação e produção de conhecimento, no contexto da atividade de uma oficina de construção de cordofones. Perspetivamos a oficina como um espaço onde se entrecruzam e complementam saberes distintos, designadamente os do violeiro, detentor uma "consciência material" (Sennett 2008, 119) ancorada em competências sensoriais que lhe permitem "explorar as propriedades acústicas e estéticas das matérias-primas" (Dawe 2016, 109-10) e os do instrumentista, detentor de conhecimentos e competências nos domínios da teoria musical, da composição, da interpretação e das técnicas performativas.

Como ponto de partida para a discussão, tomamos de empréstimo e adaptamos algumas questões formuladas por Eliot Bates (2012): Como respondem os violeiros à diversidade de matérias-primas, formas, ferramentas e tecnologias atualmente disponíveis? Quais as repercussões dessa resposta no modo de construir instrumentos musicais? Há limites para a transformação? Se sim, 'onde' se situam? Até que ponto podem transformar-se técnicas construtivas, materiais e características formais sem que tal transformação resulte num novo instrumento?

Propomo-nos transpor a dinâmica de diálogo e cooperação acima enunciada para esta comunicação-performance, que compreende: [1] um breve enquadramento teórico e metodológico da investigação em curso; [2] uma explanação sobre as características organológicas, matérias-primas e técnicas construtivas aplicadas na manufatura de uma viola braguesa, tendo em vista a sua aproximação aos requisitos técnicos e expressivos do instrumentista e [3] a interpretação, nessa mesma viola, de exemplos musicais, possibilitando à assistência uma perceção sonora dos resultados do trabalho colaborativo entre músico e violeiro.



Rui Marques é investigador integrado do Instituto de Etnomusicologia, Centro de Estudos em Música e Dança. Licenciado e mestre na área de Educação Musical pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, concluiu também o mestrado em Ensino de Música (especialização em Teoria e Formação Musical) no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro (DeCA-UA). Em 2019, concluiu o doutoramento em Música, na área de especialização em Etnomusicologia (DeCA-UA). Lecionou em várias escolas do ensino básico, do ensino artístico especializado de música e do ensino superior. Atuou como Investigador Doutorado no âmbito do projeto “EcoMusic – Práticas Sustentáveis: um estudo sobre o pós-folclorismo em Portugal no século XXI” (INET-md/UA). Colabora como docente com a Universidade de Aveiro, a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto e a Universidade Lusófona.

João Diogo Leitão tem um percurso musical intimamente ligado à guitarra clássica, enquanto intérprete. Fez a sua formação superior na Universidade de Évora e, posteriormente, no Conservatório Real de Haia nas classes dos professores Dejan Ivanovic e Zoran Dukic. Foi premiado e distinguido em vários concursos, destacando-se o 1.º lugar no “Prémio Jovens Músicos” (Nível Superior). A descoberta da viola braguesa – um dos muitos cordofones tradicionais portugueses –, o fascínio pelas suas características timbricas e o potencial inexplorado deste instrumento desencadearam uma metamorfose. Provocaram uma urgência poética que o levou a investigar e compor música para esta viola que surge do natural encontro entre os mundos da música erudita e música tradicional portuguesa, inovando na abordagem técnica e estética, criando um repertório próprio para este cordofone. O primeiro registo foi feito em Serpa, no Musibéria e editado em álbum pela ‘Respirar de Ouvido’, em 2020.

Diogo Valente Santos é natural de Santa Maria da Feira e reside e trabalha em Avanca. Licenciado em Prótese Dentária (2010) e Design de Produto (2013), encontrou a estabilidade profissional e emocional no ofício da violeria (2015). Com formação praticamente autodidata, recebeu conselhos e partilha de experiência daquele que considera o seu mestre: José Gonçalves, o “Violeiro da Cónega” (Braga). Foca-se na construção de cordofones, maioritariamente violas de arame e cavaquinhos.



EnIM

Encontro d e
Investigaç ão em Músi ca